

Vladimir Maiakóvski
CARTA DE PARIS AO CAMARADA KOSTRÓV
SOBRE A ESSÊNCIA DO AMOR

Perdoe-
 me,
 camarada Kóstróv,
com sua habitual
 largueza de vistas,
se eu desperdiço
 as minhas estrofes
de Paris
 em lírica imprevista.
Imagine:
 uma beleza
 entra na sala
vestindo
 peles e adereços.
A essa
 bela presa
 a minha fala
(não sei se
 bem ou mal)
 eu endereço:
Sou russo,
 camarada,
e sou famoso em meu país.
Já tive muitas namoradas
bonitas
 — todas as que eu quis.
As mulheres
 amam os poetas.
Sou vivo,
 minha voz é de bom timbre.

Tonteio como éter.

Basta

ouvir-me.

Não me fisgam

com armas

sem valor.

Não caio

por qualquer charme.

Eu fui

para sempre

ferido pelo amor —

mal e mal

posso arrastar-me.

Não meço

o amor

pelo matrimônio.

Deixou de amar —

passa bem!

Para mim,

camarada,

as cerimônias

valem

menos que um vintém.

Para que ficar falando?

Deixe de onda,

formosura,

eu não tenho mais vinte anos,

mas trinta ...

e outros tantos

fora da conta.

O amor

não está

em ferver bruscamente,

nem está

em acender uma fogueira,
mas no que há
por trás
das montanhas do peito
e acima
da jângal-cabeleira.

Amar
é ir ao fundo
do cercado
e até que a noite
— corvo negro —
chegue
cortar lenha
com chispas
no machado
e a nossa própria força
pôr em xeque.

Amar
é desfazer-se dos lençóis
que a insônia desarruma
e com ciúme
de Copérnico,
a ele,
não ao marido
da Maria dos Anzóis,
considerar rival eterno.
O amor
não é
Paraíso nem geena.

Para nós
o amor
é o atestado
de que
outra vez
se engrena

o coração –
 motor enferrujado.
Você
 rompeu o fio
 com Moscou.
Os anos
 criam
 distância.
Como
 explicar o que passou
assim de relance?
Na terra
 há luzes – até o céu ...
No céu azul
 estrelas
 a granel.
Se eu
 não fosse poeta
seria astrônomo
 por certo.
A praça já se apinha.
Os coches rodam.
Eu passo
 anotando linhas
no meu livro de notas.
Correm
 os carros
 rente,
mas não me atropelam.
Entendem,
 de repente:
Está em êxtase
 por ela.
Sonhos,
 visões

excursos
 enchem-no
 até os ossos.
 Aqui
 até os ursos
 ganhariam asas.
 É agora,
 quando acabo de fervê-las,
 num restaurante barato,
 as palavras
 soletram
 das letras
 às estrelas
 um cometa dourado.
 Deixando
 pelo céu
 um longo rastro,
 brilha
 a plumagem do cometa,
 para que os namorados
 vejam os astros
 de seus quiosques
 de violetas.
 Para acordar
 e atrair
 o apreço
 desses
 a que a visão já falha.
 Para cortar
 aos inimigos
 a cabeça
 com a longa cauda
 luminosa
 navalha.
 Ouço
 em meu peito

até o último pulsar
como se o estivesse
esperando
para um encontro:
o amor
a ressoar
simples e humano.
O furacão,
o fogo,
o mar
vêm vindo
furiosamente.
Quem
os pode
domar?
Você pode?
Experimente ...

1928